



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOEL CIRILO DE SOUZA

**DO CONFLITO A REDENÇÃO: DA RESISTÊNCIA A CONQUISTA DA TERRA NO
ASSENTAMENTO REDENÇÃO.**

**GUARABIRA
2017**

JOEL CIRILO DE SOUZA

**DO CONFLITO A REDENÇÃO: DA RESISTÊNCIA A CONQUISTA DA TERRA NO
ASSENTAMENTO REDENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.
Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crenças, Gênero e Sexualidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S234c Souza, Joel Cirilo de
Do conflito a redenção: [manuscrito] : da resistência a
conquista da terra no Assentamento Redenção / Joel Cirilo de
Souza. - 2017.
33 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de
História".

1. Luta por Terra. 2. Assentamento Redenção. 3. Usina
Santa Maria. I. Título.

21. ed. CDD 981.33

JOEL CIRILO DE SOUZA

**DO CONFLITO A REDENÇÃO: DA RESISTÊNCIA A CONQUISTA DA TERRA
NO ASSENTAMENTO REDENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

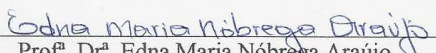
Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crenças, Gênero e Sexualidade.

Aprovada em: 27/03/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Edna Maria Nóbrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Joedna Reis de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, minha mãe, irmãs, irmãos e minha noiva,
pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Naiara Ferraz, Coordenadora do curso de Licenciatura Plena em História, por seu empenho, dedicação e paciência.

À professora Michele Cordão pelas leituras sugeridas, que embora não tenha terminado a orientação com Ela, sempre me deu muita atenção e me incentivou.

À professora Susel pelas leituras, pela paciência e pela atenção, nunca me esquecerei do quão a senhora me foi importante nesta caminhada, não tenho palavras para externar minha eterna gratidão.

Ao meu pai Jorge Souza, a minha mãe Geralda Cirilo de Souza, aos meus irmãos, pela compreensão, pela força e pelo apoio, eternamente grato.

A minha noiva Géssica, pelo apoio, ajuda e pelas tantas noites de estudo, eternamente grato.

A Vânia, Lucinha, Deize e Camila, pelo apoio e força no trabalho.

A meu amigo professor Denis, pelo apoio e presença, pessoa impar, grande homem.

A Levy, pelos momentos de pesquisa e por toda a caminhada lado a lado nestes cinco anos de curso, e tantos outros momentos vividos.

A professora Marisa Tayra (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, nos incentivou a nunca desacreditar que uma nova educação é possível.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB, CAMPUS III, que contribuíram ao longo destes anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, jamais lhes esquecerei, em especial Francisco, Donato, e Levy.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.

(BENJAMIN, 1987, P. 205)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	CONTEXTUALIZANDO: A FALÊNCIA DA USINA SANTA MARIA E AS LEIS DE TERRA.	11
3	AS HISTÓRIAS DO MEU PAI	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	ANEXO A: SEU JORGE E O ASSENTAMENTO REDENÇÃO.....	26
	ANEXO B: A USINA.....	30

DO CONFLITO A REDENÇÃO: DA RESISTÊNCIA A CONQUISTA DA TERRA NO ASSENTAMENTO REDENÇÃO.

Joel Cirilo de Souza¹

RESUMO

O presente artigo versa sobre as lembranças e contações do senhor Jorge Souza, assentado da Reforma Agrária, no Assentamento Redenção. A partir destas pretende-se registrar as histórias de Seu Jorge, por meio de suas seleções de memória e necessidade de compartilhar e perpetuar essas escolhas, com o objetivo do apontamento da narrativa de luta, conflito e libertação dos moradores deste assentamento, partindo de uma nova perspectiva, a História Vista de Baixo, na pretensão de lançar um olhar sobre as histórias que não são contemplados nas inúmeras obras já registradas. Para isso parte-se das vivências de um trabalhador braçal e suas relações com o meio, com as formas de produção e com os trabalhadores. Partir-se-á de suas descobertas como narrador de um processo macro por uma perspectiva micro para chegar-se a uma nova ressignificação do processo vivenciado por estes trabalhadores, vendo-os não como vítimas deste processo, mas peças fundamentais de um processo de resistência por meio das histórias recontadas.

Palavras-Chave: Seu Jorge, Assentamento Redenção, História, Usina Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, P. 114)

As leituras no curso de Licenciatura em História sobre narração e experiência, em especial a leitura do Benjamin me propiciou o primeiro contato com a necessidade de se trazer as narrações de meu pai, bem como me fez perceber a necessidade de se partilhar estas

¹ Aluno do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: joelcirilo@hotmail.com

experiências da vivência de uma história muitas vezes não contada que, assim como o Benjamin, abre a possibilidade de se pensar e participar desta narrativa histórica.

Há alguns anos atrás o meu pai, seu Jorge², nas habituais conversas em família, durante o anoitecer na frente de nossa casa, embaixo do velho pé de castanhola que ele mesmo plantou quando veio morar aqui, nos contava suas experiências, certa vez ele contou:

Em 1990 tivemos os primeiros reflexos da crise que enfraqueceria a grande potência econômica da região, a Usina Santa Maria, mas as dificuldades não começaram ali, desde quando eu era jovem já não recebíamos salários, apenas vales, que eram trocados por algumas coisas na mercearia da região, esta bodega já era influenciada pelo dono da Usina, o que a gente comprava lá pra comer só chegava até a quinta-feira, na sexta não se acendia nem o fogo, meu irmão mais novo, Roberto, como ainda não sabia de muita coisa, achava até que era algo que a Igreja mandava a gente não podia comer na sexta, no sábado, já a tardinha, íamos trocar o vale, eu ia com minha mãe, na mercearia a fila era grande, farinha, feijão e sardinha, esta era nossa feira, na minha casa todos trabalhavam e muito, minha mãe, meus três irmãos e eu, mas sempre recebíamos a mesma coisa.³

Este trabalho pretende buscar e registrar parte das memórias do senhor Jorge Souza ligadas à luta pela posse das terras da antiga Usina Santa Maria⁴, que origina o Assentamento Redenção⁵ no município de Pilões/PB, bem como as diferentes formas de resistências encontradas por seu Jorge e os demais trabalhadores neste processo, a partir de uma visão micro constituída da vivência de trabalhador braçal no período de funcionamento desta Usina e agora assentado da Reforma Agrária. A ideia de se trabalhar o processo de resistências na conquista da terra no Assentamento Redenção a partir das vivências e lembranças de seu Jorge, meu pai, deu-se pelo encantamento com os relatos deste período, bem como, pela riqueza deste momento, que desde sempre ouvia muitas vezes em conversas informais entre os mais velhos, na calçada de nossa casa as contações referentes ao processo de luta pela formação do Assentamento Redenção, e entendi que a contação⁶ desvinculada da necessidade da formalidade de documentos é espontânea, verídica e chamativa, lidamos não apenas com o documento, mas com as emoções, a possibilidade de informar, de rir, de brincar, de ressignificar cada momento vivido a partir da necessidade de se compartilhar as histórias vividas e que de fato achamos relevantes às gerações, histórias de heróis que não estão nos gibis, mas na vida real, que vive, convive e quando não eternizados partem, e sempre sua partida é precoce à visão do filho, mas não à do Historiador.

² Ver anexo A, Imagem 1.

³ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 13 de maio de 2016.

⁴ Ver anexo B.

⁵ Ver Anexo A, imagens 2 a 8.

⁶ A palavra contação aqui usada, refere-se ao ato de contar, de verbalizar as histórias que eu sempre ouvia de meu pai, seu Jorge.

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudessem servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções ou lacunas. Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão dos acontecimentos, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse *está no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história da sua vida. (BOSI, 1994, p.37).

Bosi relembra a necessidade de se partir do lembrado pelo narrador, a possibilidade que o autor tem de transmitir as suas experiências, assim, as histórias de Seu Jorge, a seleção de suas lembranças, será o norte do nosso trabalho, dessa forma, corroborando com Eclea Bosi registraremos em nosso trabalho um ponto de vista, aqui representado pelas narrativas de Seu Jorge sobre o caminho traçado para se conseguir a terra, logo me interessou, assim como a Eclea Bosi em seu livro, o que de fato foi escolhido por ele para ser narrado.

A falência da Usina Santa Maria deu origem a 5 (cinco) assentamentos⁷ no município de Pilões, o Assentamento São Francisco I, antigo Engenho São Francisco; o Assentamento Tabocal, Antigo Engenho Tabocal; Assentamento Veneza, antigo Engenho Veneza; Assentamento Santa Maria, antigo Engenho Labirinto e o Assentamento Redenção, antigo Engenho Cantinhos. Em linhas gerais, o processo de falência da Usina e o processo de ocupação deste território é marcado por conflitos entre os donos da terra e os trabalhadores, naquele momento lesados, e em consequência a organização dos próprios trabalhadores na perspectiva de conseguirem para si e suas famílias um pedaço de chão, este processo se arrasta na década de 1990, com os primeiros indícios de falência da Usina, marcado pelo não pagamento dos salários dos trabalhadores, até 1998, período em que se originam, formalmente, os assentamentos, arrastando-se, também, até os dias atuais pela ausência de políticas para a permanência dos moradores nos lotes.

Neste processo muitas organizações ajudaram os, agora, assentados⁸, muitas parcerias foram feitas, a exemplo da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), a CPT (Comissão Pastoral da Terra) e a Associação SEDUP (Serviço de Educação Popular), para que estas pessoas conseguissem dominar o cultivo de outros gêneros, que não fosse apenas a cana-de-açúcar, na intenção de garantir a conquista da terra, a partir da resistência, assim como a manutenção de sua subsistência e a permanências destas pessoas nesta localidade, outras

⁷ Assentamento é o termo utilizado para um determinado imóvel rural que pertencia a um único dono e é distribuído entre um conjunto de pessoas pelo INCRA.

⁸ Assentado é toda a pessoa que possui uma parcela de terra na área de um assentamento.

produções foram iniciadas, a exemplo do cultivo do sisal, do urucum, da banana, da mandioca e outros gêneros que garantissem o suprimento necessário para a vivência.

Após o período de conflitos, é fato que a necessidade de manutenção da família apertou em todos os assentamentos, a ponto de os assentados procurarem outros meios de vida que não fosse a agricultura, aventurando-se pelas capitais e, muitas vezes, retornando ao corte de cana em outros estados, mas também é fato que outros permaneceram, até hoje, manuseando a terra, a partir de suas possibilidades e práticas que afirmam e reafirmam o amor ao seu conquistado pedaço de chão.

A proposta deste trabalho é registrar as narrativas do senhor Jorge Souza, evidenciando a relação criada entre o homem e sua terra, uma vez que a narrativa é um importante instrumento histórico e que muitas vezes é esquecido no processo de construção histórica, bem como buscar entender quais as formas de resistência encontradas pelos trabalhadores e incorporadas durante este período e o que podemos, ainda hoje, identificar como resquícios desta luta travada entre ideias e pensamentos, ações e repressões, mulheres e homens, buscando situá-las como manifestações de um processo histórico.

Desta forma pretende-se chamar a atenção para a importância que a terra tem para o Seu Jorge, assim como para inúmeros outros pequenos proprietários e, essencialmente, para se vislumbrar um pouco da relação entre a terra e a pessoa que nela vive, os conflitos evidenciados neste trabalho estarão sempre ligados às memórias e a seleção dos momentos a partir das contações de seu Jorge, mostrando que, mesmo em condições extremas, os problemas enfrentados não tiraram do povo a possibilidade de sonhar e permitir-se guardar em suas memórias a esperança de um dia recontar e dar um novo significado ao vivido neste período. Para chegar-se aos objetivos propostos neste trabalho, utilizar-se-á das memórias de luta que serão registradas a partir de uma trajetória singular que inspira a escrita deste trabalho, as memórias do senhor Jorge Souza, para isso caminharemos ao lado da corrente historiográfica da História vista de baixo, na análise do micro para o macro, seguindo a perspectiva da história Oral e inspirado no prefácio e introdução da obra Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, de Ecléa Bosí.

2 Contextualizando: a falência da Usina e as leis de terra

A Usina Santa Maria, localizada no município de Areia, foi por um longo período uma grande potência econômica na região do brejo da Paraíba, oferecendo empregos e, conseqüentemente, levando seus produtos para além das fronteiras do estado, foi criada em

1932, mesmo período que deu início ao beneficiamento da cana de açúcar, a partir da produção do açúcar, estendendo sua produção e funcionamento até o ano de 1993, período em que a crise extingue os trabalhos na Usina, desempregando centenas de trabalhadores e dando início aos conflitos pela terra.

Com o auxílio do PRÓ-ALCOOL, na década de 1970, pôde ampliar consideravelmente sua fabricação instituindo destilarias anexas de álcool por meio das contribuições do Estado. A partir da década de 1990, a crise do PRÓ-ALCOOL e do setor sucroalcooleiro, culmina com a primeira falta do pagamento dos funcionários da Usina Santa Maria, em 1990. 1993 é o período em que os trabalhadores assalariados da usina abrem um processo junto à Justiça do Trabalho de forma coletiva para garantir seus direitos, o pagamento das dívidas deste período de recessão, esta Usina empregava cerca de quatro mil pessoas nos municípios de Pilões, Serraria e Areia, havendo a falência decretada em 1993 gerando desemprego em massa em toda a região do brejo. O período seguinte de 1993 a 1997 foi o período de resistência pela posse das terras da Usina Santa Maria. O trabalho na Usina Santa Maria dava a estes empregados a característica de assalariados, após o processo de Reforma Agrária e instituição do assentamento estes trabalhadores passam a ser assentados⁹.

O Assentamento Redenção está localizado na microrregião do Brejo paraibano, na Cidade de Pilões, a cerca de 120 km da capital, João Pessoa. O processo de instituição do assentamento importou uma mudança substancial na vida desses labutadores, pois o ingresso a terra permitiu a conquista da liberdade que não tinham na ocasião em que trabalhavam na Usina Santa Maria. O Assentamento Redenção é resultado do processo de luta, luta que começa no cotidiano com as situações precárias do trabalho, que levou muitas vezes estes trabalhadores a condições subumanas, passa pela luta por um pedaço de terra após a falência da Usina, levando estes trabalhadores a conflitos braçais e ideológicos para garantir a manutenção de sua família e por fim a luta contra o desemprego e a situação que se instaura após esta falência, que não raramente os obrigou a sair do lugar que foi, por muitas vezes berço de suas experiências e aprendizados.

Referente ao presente ou ao passado, a expressão *terra de agricultura* marca sempre o espaço em que são reproduzidas as condições sociais dos cultivos realizados por grupos domésticos de pequenos produtores. A exclusão da cana e do agave da categoria *agricultura* está diretamente relacionada à exclusão dos pequenos produtores destes cultivos. (...) *Terra de engenho*, ou simplesmente engenho, marca,

⁹ MALAGODI, Edgard; MOREIRA, Emilia R.; MENEZES, Marilda. **Da usina ao assentamento: os dilemas da reconversão produtiva no Brejo Paraibano** in. *Estud. Soc. e Agric.*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, 2013: 332-358.

ao contrário, áreas onde os cultivos são feitos por trabalhadores submetidos pessoalmente ao proprietário das terras onde residem e trabalham, comumente designados por moradores, palco privilegiado da sujeição. (Menezes et. al. 2013 apud GARCIA JR. 1989, p. 24-5).

O processo de resistência na formação do então Assentamento Redenção é algo que desde sempre me chamou a atenção. É importante levantar as inúmeras formas de luta encontradas pelos moradores dos engenhos componentes da grande Usina Santa Maria, em especial o Engenho Cantinhos, pois este dá origem ao Assentamento Redenção, ponto alvo de nosso trabalho, estas pessoas que mesmo sem instrução tomaram, encontraram-se, em um espírito de classe, a partir do momento que optaram por ir à luta em prol de um objetivo comum, que, como salienta Thompson (1987), a classe que não é apenas a coisa, mas um sentimento que dirige pessoas para um lugar comum, que neste caso era a posse de um pedaço de chão. O trabalho que muitas vezes era apenas a garantia de um “vale” ao final da semana, não suficiente para alimentar a própria família, ou a si mesmo, agora se ressignificava na possibilidade de, através das resistências, conseguir trabalhar para si, para sua família, por sua terra.

Trabalhar com mentalidades de pessoas que estiveram presentes nestes momentos, que fizeram estes andamentos, é trazer e registrar contribuições históricas que pouco a pouco se perdem entre relatos e gerações, é fomentar interpretações de um movimento da classe trabalhadora, de uma circulação, que para alguns é mais uma manifestação para se ocupar um pedaço de terra, mas que para estas pessoas é uma questão que vai além, está no imaginário, é a possibilidade de perceber e ver frutos da resistência, é poder enxergar que há mais que uma possibilidade, é entender essencialmente que as representações de “um pedaço de chão”, fundamentalmente concebe a mudança, a possibilidade de ressignificar as próprias visões de mundo.

A necessidade de se analisar e registrar as diferentes manifestações de resistência neste processo, é levantar as amostras culturais que mesmo, talvez, sem pretensões, representavam um aguçamento na ideia de classe, pois, representavam formas de luta, a possibilidade de libertar-se de amarras que não apreendiam apenas o corpo, mas as probabilidades de se ver como agentes históricos, capazes de produzir a si mesmos.

“A classe é uma relação, e não uma coisa”, assim Thompson (1987) caracteriza a classe no volume I de sua coletânea “A Formação da Classe Operária Inglesa”, nesta perspectiva entendamos o que, os trabalhadores queriam de início seus salários, que mesmo pouco, garantiam a sobrevivência, no entanto, com o período de impossibilidade de produção esta

empresa para de pagar aos seus, impossibilitando a vivência nesta localidade, esses trabalhadores precisavam permanecer na terra, que não pertencia a eles, mas, pertencia a Usina, os trabalhadores cultivam entre si a necessidade de se readaptar às novas situações que foram aparecendo, logo precisaram instituir entre eles relações que moldaram sua vivência e entendimento do momento, assim vemos a necessidade de manutenção do sentimento de relação de classe. Mas como ficar ali? Se saíssem para procurar trabalho, perdiam a terra, pois eram apenas trabalhadores e a moradia era apenas consequência, no entanto eram obrigados a trabalhar mesmo sem salários, pois estavam nas terras da Usina, a saída era cobrar em conjunto por algo que lhes era de direito, a terra e o alimento.

O processo de recessão inicia em 1990, temos então o governo Collor, marcado pela repressão aos movimentos de terra, de reforma agrária, ainda salientam os trabalhadores que este processo de falência da Usina Santa Maria inicia pela tomada de bens da usina pelo governo como forma de sanar dívidas para com a União. Logo depois temos o governo Itamar, instituído pelo *impeachment* de Collor, este governo abre frestas para o diálogo socioterritorial, com a implementação da Lei Agrária, para regulamentar as leis constitucionais sobre o processo de Reforma Agrária, no entanto, em junho de 1993, foi aprovada a Lei do Rito Sumário, que definia o procedimento jurídico para o caso de desapropriações de terra por interesse social, para fins de reforma agrária, o que foi mais um empecilho aos interesses sociais. Ainda em 1993 temos o início do processo de resistência para o pagamento dos salários em atraso, bem como para a permanência na terra por conta do estado de miserabilidade das pessoas, coincidindo com o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso que, mais aberto a estas questões instaurou assentamentos e assentou muitos trabalhadores, na perspectiva de se acalmar as pressões dos movimentos sociais pela terra, o que não deu certo, continuando as pressões, logo, seu segundo governo é marcado pelas repressões constantes a estas formas de manifestações sociais, criminalizando inclusive as ocupações e criando o Banco de Terras, o que diminuiu em 60% as ocupações, mas temos outro agente, as forças sindicais, religiosas e de movimentos sociais, como o próprio MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), que estarão presentes durante o processo de lutas, em especial no processo da Usina Santa Maria por conta dos riscos que estes trabalhadores passavam e constantes ameaças sofridas.¹⁰

Vemos então que, os resquícios do processo de conquista da terra se arrastam por um caminho longo, e que de muitas maneiras chegaram aos trabalhadores, na forma do

¹⁰ COCA, maio de 2008.

desemprego, da resistência para permanecer na terra, na impossibilidade de manter sua família, na ausência de políticas que garantissem a dignidades de Ser, desta forma o que lhes resta é a luta. Faremos esta viagem a partir das contações de seu Jorge, na perspectiva de reapresentar as possibilidades abertas pelas memórias como forma de resistir, como afirma Schilling (2010), “Não é fácil falar sobre memória, não é fácil falar sobre resistência e é muito difícil falar sobre memória da resistência. E, quem sabe, imaginar o trabalho da memória, de construção da memória como uma forma de resistência.”, assim, exatamente da forma como Flávia Schilling expressa se refaz nas narrativas de Seu Jorge, o processo de contar sua história já é resistir, a resistência a partir do falar, do convidar o ouvinte a viajar no mundo antes não conhecido, mas agora aberto como um grito que traz bem mais que a simples falação, mas a necessidade de se fazer conhecer o vivido.

3 As histórias de meu pai

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIM, p. 198, 1994), neste capítulo nos utilizaremos das narrativas de seu Jorge, referentes à sua vivência e lembranças do processo de conquista das terras da usina Santa Maria, bem como os apontamentos que a ele é necessário registrar, as histórias que serão apresentadas são feitas a partir das necessidades e escolhas do narrador, na perspectiva de constituir uma contação livre da responsabilidade de uma história confrontada com registros e documentos, assim, nossa proposta é registrar e vivenciar o processo de narração de uma história singular, as contações de meu pai.

A autoafirmação em um processo de resistência é imprescindível, quando convidei seu Jorge para explicar o que trabalharíamos, qual nosso ideal, ele fez questão de apresentar-se:

Sou Jorge Souza, conhecido como seu Jorge, nasci em 1957, desde quando fui gerado passei por inúmeras dificuldades, não tenho pai registrado, sou filho de mãe solteira. Pela não aceitação da sociedade a estes tipos de pessoa no tempo minha mãe foi julgada, expulsa de casa, por causa disso tentou me abortar usando remédios caseiros (...), quando nasci e cresci um pouco sentia em minhas costas o peso do preconceito, por ser filho de mãe sem esposo e por ser negro, ouvia falar: “negro vai virar macaco”, meu grande plano era desde sempre, trabalhar para mostrar as pessoas que eu e minha família valíamos mais. Com 8 anos comecei trabalhar na palha da cana, queria tirar minha mãe do trabalho duro da roça (...), nunca tive a oportunidade quando era novo, de frequentar a escola, tinha uma mulher lá perto de casa que disse, “Jorge, tenho uma vontade de te ensinar a fazer o nome”, na primeira aula que fui com ela não tinha uma roupa pra ir, pedi uma camisa emprestada e fui

(...). com 23 anos me casei com Geralda Cirilo de Souza, dona Lôra, tenho 12 (doze) filhos, sendo 1 (um), o mais velho, filho por escolha. Sou agricultor, assentado no Assentamento Redenção. Hoje consegui o reconhecimento que tanto queria, minha família é respeitada, consegui oferecer aos meus filhos o que nunca tive, o estudo, hoje eu sou feliz.¹¹

O relato de um homem que enfrentou diversas situações é o relato da vida real, o narrador se apresenta nas suas histórias, nos aproxima do vivido a partir da necessidade que temos de explorar as vivências reais, próximas das circunstâncias que encontramos em nossa realidade, o narrador é vivo em seus relatos, está presente na necessidade de informar e nos fazer pensar, decifrar.

Villemessant, o fundador do *Figaro*, caracterizou a essência da informação com uma fórmula famosa. "Para meus leitores", costumava dizer, "o incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri". Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. (BENJAMIM, 1994, p. 202)

Dessa forma, a história característica do narrador que pretendemos traçar é a história baseado nos acontecimentos próximos, similares aos relatos que ouvíamos quando crianças, na intenção de convidar o leitor a viver estes momentos, a permitir que a contação apresentada caracterize, de fato, um narrador presente, e ao mesmo tempo distante, no sentido de se fazer necessária a reflexão, seremos convidados a refletir estas histórias e a encontrar nela o tesouro assinalado pelo narrador, a experiência ao contar o vivido.

A história do Assentamento Redenção, segundo relatos dos moradores, se arrasta de muitos anos, para esta informação seu Jorge explica:

O Engenho Cantinho foi o último que foi criado porque os senhores de engenho já tinha pegado todas as beras dos rios que tinha água e tinha criado suas fazendas, suas fazendas seus engenhos né, nesse tempo mais engenho e não tinha mais outro lugar para se criar o engenho a não ser, a questão de água, porque era questão de eles viviam procurando lugar que tinha água, e ai, é existiu um senhor que disse que, que ele era o, o comandante dessa região aqui era quem ricibia o imposto dessa, dessa região aqui territorial e o nome dele se chamava (...) "Antônio Lim né, o Antônio Lim" (...) e ai o que aconteceu o "José Xavier", é longa a história viu, o "José Xavier" (...) casou-se com a filha desse senhor então ele mandou procurar um lugar pra criar um engenho, e eles vinhero procurando, procurando, procurando e encontraro ali (risos), o espaço mais largo que encontraro foi esse ai, e ai quando voltaro eles dissero "nós encontramos um cantinho que dá pra fazer um engenho", ai disse "então vamos fazer o Engenho Cantinhos", o nome do Engenho Cantinhos a origem é essa porque todas as beras dos rios já tinham sido, já tinham seus engenhos, já tinha tomado e o único canto que tinha que dava pra mode fazer um corgo (córrego) que tinha água que dava uma região que dava pra fazer o engenho era aqui ai botaro o nome Engenho Cantinhos. (...) esse, o engenho foi fundado em

¹¹ Jorge de Souza, em entrevista ao autor 17 de fevereiro de 2017.

1875. (...) o engenho durou de 1875 até 1952. (...) o começo da história foi assim (...) não começou em conflito, teve conflito, o conflito não foi por questão da terra o conflito foi uma questão familiar uma traição dentro da família (risos), aí começou a história e ia chegando a haver destruição (risos)... Bom, essa é a primeira parte da história da criação do engenho viu!¹²

O processo de passagem de engenho, aonde de certa forma havia uma relação entre o dono e o trabalhador, à Usina, onde esta relação é cortada, foi uma mudança na vivência das pessoas que lá moravam, como afirma seu Jorge:

De 52 pra cá acabou-se o engenho infelizmente, isso foi um chororô tão grande do povo, porque assim, naquele tempo apesar de ser escravo, mas o senhor de engenho era muito amigo principalmente o daqui era muito amigo dos trabalhadores, pra maltratá-los, mas, os trabalhadores se sentia feliz (risos) que tomava seu Solon por compadre aquela coisa toda, a primeira quando a mulher caía de resguardo, quem comia o primeiro pirão, que tinha uma história quando a mulher caía de resguardo tinha um pirão viu, quem ia comer era Dona Zefinha, mulher de Seu Solon, dono do Engenho (risos).¹³

Havia de fato uma relação mais estreitada entre os donos do engenho e os moradores, o que demonstrava a proximidade existente entre eles. A passagem desses modelos de produção é ocasionada por questões relativas a déficits encontrados no próprio meio de produção, como afirmam Menezes, Malagodi e Moreira (2013):

Em primeiro lugar, há dois tipos principais de reconversão produtiva com efeitos econômicos, sociais e políticos diametralmente opostos. Há uma reconversão cuja centralidade está no interesse privado do investimento, ou seja, que decorre somente, ou prioritariamente, de interesses privados e de processos ligados à valorização do capital. E há outro tipo de reconversão produtiva que decorre justamente dos insucessos do investimento de capital, e que é buscado para as áreas que apresentam situações críticas e de estagnação, justamente como resultado final, ou como uma externalidade das atividades ditas “dinâmicas” da fase anterior. Nesse caso, podemos pensar que a reconversão produtiva promove um processo de mudança dos agroecossistemas. Ela remete, portanto, não apenas a uma mudança de tipo de produtos cultivados, de atividade econômica, mas a uma nova relação social e a uma nova relação homem-natureza. Há, portanto, uma nova forma de apropriação dos recursos naturais.

Dessa forma a passagem de engenho para usina, no processo de formação do Assentamento Redenção é apontado pelos trabalhadores como a necessidade na mudança da forma de produção, pois no período havia o investimento, a partir de empréstimos e fomentos do governo à produção fabril, um desses investimentos foi o PRÓ-ÁLCOOL.

Como resquícios da narrativa que resiste nas contações, durante a construção de uma história linear do processo de formação da Usina Santa Maria, seu Jorge faz o relato de um episódio:

¹² Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

¹³ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

Tinha um muro, criaram um muro na frente da casa do Dono, trouxeram um negro da Bahia eles chamavam caboco né? o moreno, segundo Seu Dudu contou a história, foi Eu não viu? Também trouxeram esse negro na barrica, embarricado de navio por que não tinha transporte tinha que vir de navio mesmo, pra dá segurança e criaram o muro na frente, do tamanho que era a casa tinha o muro, ainda aicancei o muro, ele tinha uns buracos que era pra o negro fica vendo quem vinha de fora né, com um rifle, chamava o rifle de papo amarelo segundo eles diz não sei né que eu tô contando... de papo amarelo esperando a chegada do Antonio Sivino pra destruir e o Antonio Sivino vinha pra começar o destroço, só que o finado, o finado patrão Pinto e Joaquim fizeram a bodega do engenho pra cima, eles disseram, destá que essa briga eu resolvo, ia acontecer mesmo! O negro era pronto pra matar gente mesmo viu! E o Antonio Sivino era destruidor também, então o que aconteceu foi preciso que o finado patrão Pinto entrasse nesse meio, entrasse nesse meio como se fosse um intermediário claro pra não acontecer a guerra que ia acontecer e ai é pacificou-se esse engenho, se não, capai que a gente num tivesse nem vivo.¹⁴

Este representa uma lembrança desvinculada da contação de uma história marcada pelos fatos elitizados, mas pelas lembranças necessárias a vinculação do relatado e do contexto em que se constrói o fato. No caso da contação de Seu Jorge, o registro de suas lembranças relaciona-se com a necessidade de manter vivas as lembranças, para Ele carregadas de significados, baseadas na necessidade de manter a essencialidade de uma história que o preocupa todas as vezes que ele lembra que pode ser esquecida,

Desde muito cedo eu tinha vontade de saber os detalhes da criação, a minha preocupação era mais saber o detalhe da criação da localidade, né? Vamos dizer que hoje é comunidade, desta comunidade e ai eu pesquisava, nem sabia que era pesquisar, que isso era pesquisar eu perguntava os mais velhos, cuma começou é... essa comunidade aqui. E ai eu conversava com as pessoas e eles mei disfarçado dizia e conversando com um dos mais velhos, mais velho aqui que era “Seu Mané Caboco, Zé Fostino é... Sivrino Tavera” pessoas que é do oto século, viu? E... o finado “Sivrino Viagi” essas pessoas, eles cumeçaro contar, e ainda conversei com “Seu Breu” essas pessoas cumeçaro contar cuma foi a criação daqui... e ai a minha preocupação maior era, a minha vontade é que ficasse registrado, que tivesse a oportunidade de registrar essa história, né? Não deixar só se acabar em mim, pru mode que ela pudesse ser escrita, talvez até escrita né numa oportunidade, então... e aqui foi que eu cheguei a conversava com um dizia e outro, aqui chego a conclusão que era assim(...).¹⁵

As narrativas de Seu Jorge tomam outro sentido quando ele expressa o porquê de compartilhar estas contações, dessa forma, Ele, o narrador torna-se parte da narração.

As experiências vividas são, a partir de então, compartilhadas com os ouvintes, seu Jorge expõe o que Ele, trabalhador braçal da Usina viu e viveu no período,

Sim era pra matar tudim de fome, com engenho já não era bom (risos), engenho era aquela coisinha e quando acabôsse o engenho que ficou tudo pela usina o preço da região quem dava era ela, quem veio se ajeitar o preço aqui foi uns pernambucanos

¹⁴ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

¹⁵ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

que pro lado de lá a lei já existia e eles desceram pra Paraíba, por exemplo, como seu Ademir ali e seu Wilson ai e começaram pagar melhor um pouco, ai foi chamando a atenção dos usineiros porque o povo tava indo pra eles, mais ele era um engenho, era uma coisa a fazenda que vendia cana a própria usina então tinha que obedecer ordem deles, tinha que ser baseada, mas melhorou a partir daquele momento o preço melhorou uma coisinha... aí eles vieram, foi quando vieram era assim, quando chegava o tempo, quando a usina parava os preço se desmatelava tudo, porque eles vinha tudo num tinha mais capital pras usinas, e no mês de festa também, quem trabalhava, ave maria, se era de aumentar o preço diminuía, e não tinha décimo terceiro não tinha nada, não tinha nada, nada, nada, nada, direito a nada era você naquela situação de flagelo mesmo sabe? Era a situação de você trabalhava e não comia. (...) quando eu comecei trabalhar eu ganhava 1.500 por semana, 1.500 cruzeiros por semana (...) num era nem mirréis era 1.500 mirréis, ou conto de réis. (...) eu acho que no preço de hoje era R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos). (...) Ganhava esse valor se você trabalhasse os cinco dia viu, era assim pra da 1.500 vamos dizer, eu ganhava 0,30 centavos que era 300 mirréis por dia pra dar um conto e quinhentos por semana se trabalhasse os cinco dia. (...) eu aicancei o tempo que a gente só trabalhava 9 horas por dia, mas o finado João Cirilo disse que era das 5h da manhã as 6h da noite no tempo dele, se você chegasse lá o sol já tivesse nascido você voltava pra trás era pra começar antes do sol nascer. Eu trabalhava assentando cana, tinha o trinchador de bandeira, tinha o samiador e tinha o assentador, que cuma a tecnologia era muito grande e aqui era muito atrasado, usava essas coisas todinha.¹⁶

As novas características do meio produtivo encontrados pelos trabalhadores na chegada do novo empregador, a Usina Santa Maria, trouxe novas especialidades de produção, que obedece as necessidades da Usina através da mão de obra disponível, que como afirma Menezes, Malagodi e Moreira (2013):

(...) Entendemos que os processos de reconversão produtiva não resultam apenas da ação de uma determinada categoria social, como os interesses dos setores econômicos dominantes, mas são uma construção de diferentes atores, como as diferentes elites econômicas, as organizações de diversas categorias de trabalhadores, os agentes governamentais locais, estaduais, regionais e nacionais. Assim, a reconversão acontece em um ambiente de tensões entre interesses diferenciados de atores que estão em posições de poder diferenciadas.

Os baixos salários, as más condições de vida, as necessidades enfrentadas pelos trabalhadores da usinas condicionam a organização dos diversos grupos de trabalhadores, o processo de formação dos assentamentos é um processo demorado, mas simples aos olhos dos próprios trabalhadores, bastava apenas olhar para a situação que eles enfrentavam, afirma Seu Jorge. Ao falar sobre as condições de moradia Ele conta:

Ih, péssima viu (risos)! Eu me lembro que eu morava numa casa coberta de palha, quando chovia meu filho, era de cortar coração, você procurava um lugar pra ficar em pé, em dias de chuva como hoje, era um sofrimento, quando eu vim morar em uma casa coberta de telha eu pensava que ia enricar (risos), fiquei tão contente na minha vida. Era de chão batido, pra mim eu tava riquim. (...) a construção dessa casa era por conta do dono da Usina, a gente podia retaiá, caiá, só não podia crescer, ela

¹⁶ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

tinha 7x4m (sete metros de comprimento por quatro metros de largura). A casa da minha família era casa de palha. As casas de alvenaria só foram feitas de 1945 pra cá, entrou um tal de Getúlio Vargas, e esse Getúlio Vargas criou umas leis que apertou os proprietários, querendo que os proprietários fizessem casas de alvenaria, pra o morador e o salário mínimo. Foi obrigado Seu Solon chamar uma reunião com os trabalhadores e dizer “olhe, vocês querem salário mínimo? Mas não vão ter direito ao roçado não.” Os moradores disseram “ah, a gente quer é o roçado, quero lá danado de salário mínimo.”¹⁷

Quando provocado a comentar sobre a visão que tinha como trabalhador da Usina, seu Jorge responde:

Olha assim , a gente se revolta ficava um pouco me revoltado que achava que era um sofrimento, mas, por falta de esclarecimento a gente achava que, ia fazer o que? Você não tem um conhecimento de nada, não tem orientação, achava que era uma coisa, o normal que era o normal de sofrimento até morrer não existia outra coisa mesmo, você se sentia uma pessoa sem saída viu... Tudo era, primeiro na cabeça da gente achava que a usina Santa Maria nunca ia se acabar na cabeça de todo mundo, ela era uma potência mundial que não tinha quem acabasse aquela empresa.(...) assim, quando você vai começar num serviço você vai sentido feliz, oh coisa boa vou trabalhar, por exemplo, quando eu fui encher carro igi eu ia tranquilo mode andar em cima do caminhão pra lá e pra cá (risos) depois que a coisa apertou eu saia de casa com raiva viu, porque eu sentia-me escravo, sei lá você trabalhar a força, você trabalhando de dia e de noite chovendo, e o cara dizendo assim a você, dá vontade de ir lá e matar tudinho, o cara mandou um recado uma vez, vocês tem que trabalhar a noite todinha chovendo, e ele dizia dá vontade de pegar um rifle e ir lá e matar todo mundo, mesmo assim mandou o recado pelo motorista, aí você não se sente revoltado? E você não pode fazer nada porque tá todo mundo submisso era que nem se ele fosse um, como se a usina fosse uma, um deus que todo mundo é... mas tem que temer a deus ela era desse jeito. Eu sei que uma vez eu me recordei muito bem que o eu já enchei o carro tava tão barato que, quem enche carro tinha que comer mais uma coisinha senão não aguentava que o rojão é fei e a gente disse nós não vamos encher não, aí ela mandou um recado da bichiga que se vocês não forem encher carro seu Zezim disse que vem aqui e nós, vocês tivemos que encher... só a basta mandar o recado pra acabar a parada (risos), se a gente tivesse dito que não ia ele butava todo mundo pra fora e proibia toda a região de dá uma casa pra gente morar e um trabalho, aí você ia morrer de fome viu, ninguém tinha e ninguém dava um, se ela butasse um morador pra fora você tava cortado porque ninguém lhe dava um apoio, porque também aqueles moradores, todo mundo ficou submisso a ela tá, e aí se desse a casa aquele morador ele ia deixar de vender o produto dele a ela né, e quem ia comprar a cana cá região é tava toda na monocultura da cana tinha acabado tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo viu.¹⁸

A partir da resposta percebemos a situação que os trabalhadores passavam ao trabalhar para a Usina, o processo de resistência deixou duras lembranças a todos estes trabalhadores, nas lembranças comentadas seu Jorge falou:

Um dos momentos que ficou marcado foi esse que eu disse ainda agora, nós trabalhar a noite todinha chovendo e a força né, a chuva bater e nós ter que (trabalhar)... Graças a Deus, graças a Deus que eu acho que não trabalhemo a noite

¹⁷ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

¹⁸ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

toda porque o carro virou... Graças a Deus essa ficou marcada e eu num me esqueço disso nunca, ali Deus que o proprietário já disse que vão ter que passar a noite todinha na chuva viu e não vão pra casa, e graças a Deus meu Deus o carro virô... (...) aí quando o patrão, quando o motorista chegou que disse, o patrão falou tá melhor tá lá virado do que tá aqui dentro do engenho parado... aí nós fumo dormir... foi marcante, eu acho que essas marcô apesar dotras coisinhas bem mais, mas essa foi uma das histórias né, que chovenô e a força de noite, imagina?¹⁹

As marcas do processo se imprimem a cada fala relativa às vivências e lembranças dos trabalhadores, ao ponto de comparar-se à uma escravidão, em que a medida que o tempo passava os trabalhadores iam entendendo o momento que vivenciavam:

Pra mim era uma escravidão e grande né, você não ter direito a nada na vida só podia trabalhar e não ter direito a nem se alimentar né, eu vi uma vez o patrão dizendo assim: os meus trabalhadores eu quero que eles não ande remendado porque quando eles anda remendado demais dá uma visão que eles tão passando fome e fome agente ninguém tá vendo você come o que encontrar... eu disse: eu sou o contrario eu quero andar rasgado e não quero andar com fome porque com fome eu não aguento dormir, aí ele disse: isso é nada! Mesmo assim era desse jeito.²⁰

No entanto, as mudanças ocasionadas pela falência da Usina trouxeram momentos de conflitos em suas certezas, a falência da usina causou em toda região um período de recessão econômica, trazendo fome e fazendo muitos desses trabalhadores saírem para outros lugares, como afirma Menezes, Malagodi e Moreira (2013)

O fechamento das usinas do Brejo Paraibano resultou numa crise do mercado de trabalho local, com sérias consequências para o desenvolvimento territorial. O excedente de mão de obra provocou o aumento do fenômeno da migração temporária para outras regiões canavieiras do Nordeste. Assim, a falência da usina representa um enorme prejuízo: uma perda em investimentos produtivos privados e públicos, uma crise econômica para toda a região e o desemprego em massa. Estes fatos precisam ser incluídos na avaliação geral que se faz do agronegócio canavieiro no Brasil, assim como na avaliação do papel do Estado e das políticas públicas em relação ao setor agropecuário.

Sobre estas condições Seu Jorge afirma:

É porque é assim, toda mudança tem um sofrimento e marca a sua vida né? Quando a usina tava no auge como você não encontrava outro meio você ganhava o dinheiro né, e aquele dinheirinho que você ganhava comprava aquelas coisinha pra sua família, comia, quem era novo, por exemplo, no meu caso eu era novo, eu seu Vando essas coisa assim tinha esse povo novo como ele trabalhava no mais pesado ganhava mais uma coisinha né, os meus fiis não passaram muita fome não, não passaram porque eu era novo né trabalhava mesmo mas quem tava numa idade mais avançada sofria, sofria mais de que agente, então você ganhava mais um nois tinha feijão, nois prantava roça era queles doido mesmo no mei do mundo, então, e tinha aqueles salariozim pra ir comprando aquela besteirinha, ninguém tinha o direito de comprar um miúdo, ninguém tinha o direito de comprar uma carne era miúdo e

¹⁹ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

²⁰ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

peixe furado no oi que era o mais barato né, que hoje ninguém vende mais né peixe furado no oi... que hoje a gente como por diversão né... quando a usina parou a situação ficou muito mais ruim que tinha hora que você dizia danô-se com a usina era melhor mesmo visse!²¹

No entanto, com o indicativo da falência da Usina, conflitos foram travados na expectativa de se permanecer na terra, e as formas de resistência encontradas pelos colegas e moradores da região até então são vivos na memória:

É a gente, a reunião em Cantinho mermo num teve muito, muito, muito não, o que se fazia, convidava né, e falava com o povo né, num era em todo canto que a gente podia dizer uma conversa assim, porque tinha gente que não aceitava, não queria nem ver falar com medo, mais ai se chamava pro sindicato e lá no sindicato se conversava e mostrava né, que o risco que, você por causa de um risco se assujeitava.(...) É reunião, pôca, pôca reunião (...) a comissão, sempre era em comissão, eu lembro de dona Mariana, lá em um terço, se fazia o terço e contava a história em que explicava aquela coisa toda, houve muito terço nesse tempo o povo rezar muito porque através da reza você era o meio de comunicação que você tinha com o povo né, você ia dizendo ia mostrando o risco, ai criou-se uma comissão que se chamava comissão dos canavieiros, “monitor dos canavieiros” que era pro mode não chamar a atenção dos proprietários, esse monitor dos canavieiros ia fazer convidava o povo e ia fazer uma reunião em, lá onde mora Gêssica, no Rio do Braz, naquele tempo a reunião era lá do lado de cá naquelas terras foi as primeiras terras que foram desapropriadas, pra ver como era, pra alguém contar como era a história tal, tal, tal, fazer a reunião em Areia, fazia a reunião no sindicato, fazia a reunião em Serraria que era pro mode levar umas pessoas daqui pra mostrar a coisa toda né pra ir chamando atenção do povo e aqui dentro fazia uma reunião aqui outra aculá (...) ai quando havia, quando ameaçava um porque ai aquela pessoa se sentia amiaçado e se incluía no grupo né (risos) aí era mais um que você ganhava... e você tinha que fazer jeito de levar aquele que não tava ainda, a estratégia era aquele incentivar aquele que não tava lá a fazer, você tinha que plantar banana incentivar porque ai ele não ia se sentir tão amiaçado se incluía no grupo ai aumentava o grupo né, senão... aquele que já tava dentro do grupo já tava não adiantava fazer mais muita coisa, você tinha que incentivar até que todo mundo já tava socado dentro sem perceber né, aí agente mandou os monitô dos canavieiro, tinha que se fazia uma como se fosse quantos filhos tinha aquela coisa, assim era mei de estratégia pro mode mostrar as pessoas que você tava dentro dum risco e se você não fosse você ia terminar sair da casa, ia perder tudo e aquela pessoa dizia o que queria, como queria que era pro mode levar aqueles documentos pra uma entidade pra entidade provar que as pessoas não queria sair da terra... Foi uma coisa tão coisada que só vendo, um bolo de neve o processo de desapropriação pra chegar até a desapropriação, ai a partir daí nós não podia ver entrar um carro diferente aqui que já ficava todo mundo olhando e se entrasse carro diferente aqui já sabia que aquele cara vinha com intuito de alguma coisa, se ajuntava todo mundo e aí. Tinha um Agustim que começou usar uma estratégia que dizia, “quem quiser ir trabalhar fora pode ir que a usina não pode mais pagar”, porque na hora que você fosse trabalhar um ano fora perdia os direito daqui né... mais só que agente era orientado, cuidado não vá não se sair, agente tem que se segurar aqui, não vai sair ninguém, aí era desse jeito, era um momento que você não podia excluir catimbozeiro, feiticeiro(risos), usamos até uma estratégia assim, se haver ameaça, nós vai se comunicar através de fogos, é um meio de comunicação que, o adversário, o inimigo não vai perceber, se chegar alguém ameaçando, você solta um fogo e naquela casa que soltar o fogo sabe que houve

²¹ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

uma ameaça, então todos venham pra cá... Todos nós fomos orientados pra não fugir da luta^{22, 23}.

O processo de desapropriação é marcado de experiências, o fato de está a todo momento pronto para o embate criou nestes trabalhadores formas de resistir, as reuniões escondidas, os terços que disfarçavam uma reunião da comissão, a estratégia de dá o apoio aos companheiros a plantar e fazê-los permanecer na terra, ou o fogo de artifício quando a situação saísse do controle indicam as formas de resistência encontradas por estes trabalhadores, o fato de, o senhor Jorge Souza está transmitindo suas lembranças caracteriza o sucesso deste processo, que mesmo cobrando caro destes trabalhadores, os presenteou com seu pedaço de chão, e garante a cada um dos que vivenciaram este processo uma forma diferente de se lê o mundo e compreender o significado de sua terra.

4 Considerações Finais

Eclea Bosi (1979), conta:

Outro dia, caminhando para o Viaduto do Chá, observava como tudo havia mudado em volta, quase tudo. O Teatro Municipal repintado de cores vivas, ostentava sua qualidade de vestígio destacado do conjunto urbano. Nesse momento descobri, sob meus pés as pedras do calçamento, as mesmas que pisei na infância. Senti um grande conforto. Percebi com satisfação a relação familiar dos colegas, dos namorados, dos vendedores ambulantes com as esculturas trágicas da ópera que habitam o jardim do teatro. Os dedos de bronze de um jovem reclinado numa coluna da escada continuam sendo polidos pelas mãos que o tocam para conseguir ajuda em seus males de amor. As pedras resistiram e, em íntima comunhão com elas, os meninos brincando nos lances da escada, os mendigos nos desvãos, os namorados junto às muretas, os bêbados no chão.

Bosi nesta passagem traz a proximidade encontrada no espaço da memória, o exato momento em que confrontamos o nosso Eu do presente e o Eu passado, existente na contação, nas lembranças, imaginemos o quão é difícil à Seu Jorge, agente histórico deste processo nos trazer e apresentar suas lembranças e convicções, no momento em que ele lida com o contar revive os momentos, as lembranças, muito respectivamente lhe aperta o peitos, os que já partiram o convidam a dialogar e sem dúvida, a terra, tão sonhada e idealizada, se remonta em uma conquista, um troféu que honra sua luta e suas compreensões. Perguntei a seu Jorge, meu pai: “por que, apesar de tanto sofrimento passado aqui o senhor não vai embora?”, Ele me olhou bem e respondeu:

²² No processo de luta pela posse da terra estes trabalhadores tinham o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pilões, que assistia eles em espaço, organização e instrução.

²³ Jorge de Souza, em entrevista ao autor em 12 de março de 2017.

A nossa maior conquista foi a terra, a coisa acontece tão lenta, se olhar pra traz vemos a mudança, mas no tempo a gente lutava tanto e não via nada acontecendo. Você só se liberta se tiver aonde viver, você não tem liberdade se não tiver seu lugar pra viver com sua família(...). Ah, não saio daqui é porque aqui eu nasci e me criei, é minhas raízes e não tenho vontade de ir pra outro canto, nunca tive. Mesmo assim teno patrão eu nunca tive vontade de sair, é uma questão minha, eu me sinto bem aqui sabe? Me sinto feliz pela convivência, até porque a região onde a gente mora é muito boa, dá inveja a outra região por nossa história de luta.

A professora Marisa Lomba (2007), apresenta questões relativas a terra e enfatiza que muitas coisas ligam o camponês ao seu pedaço de chão, a fala do senhor Jorge deixa bem claro o papel que a terra representa a cada um desses camponeses, a terra é a possibilidade de sair das unhas do patrão, de poder ser livre e conquistar a liberdade para si e para sua família, sendo assim, a terra é para Seu Jorge, assim como para todos que lutaram por um pedaço de chão, a possibilidade de ter, para si, a liberdade de trabalhar, estudar, viver.

ABSTRACT

The present article aims to describe about the remembrances and stories of Mr Jorge Souza, a seated of agrarian reforme, in the redemption settlement. Starting from these descriptions the objective is to register the histories of Mr Jorge, by means of her selections of memory and the necessity of to share and perpetuate these choices, with the purpose to announce the narrative of fight, conflicts and liberation of residents of this settlement, starting from a new perspective, the history seem from below, with the pretension to have a look about the histories that are not narrated in the innumerable works registrated. Therefore starting of experiences of one handyman and hers relations with the environment, with the forms of productions and with the workers. Based on hers discoveries like a narrator of a macro-process by one micro-perspective to reach in a new redertemination of experienced process by these workers, seeing them not like victims of this process, but like a fundamental part in a process of resistance through of histories retold.

Keywords: Seu Jorge, Assentamento Redenção, History, Usina Santa Maria

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin.** São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119 Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **Análise e mapeamento dos tipos de assentamentos no Brasil: Compreender a diversidade e a atualidade da reforma agrária Brasileira - estudo dos assentamentos das regiões norte e Nordeste.** Presidente Prudente, Maio de 2008.

FARIAS. Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** in. REVISTA NERA – ANO 10, N. 11 – JULHO/DEZEMBRO DE 2007 – ISSN: 1806-6755

MALAGODI, Edgard; MOREIRA, Emilia R.; MENEZES. Marilda. **Da usina ao assentamento: os dilemas da reconversão produtiva no Brejo Paraibano** in. *Estud. Soc. e Agric.*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, 2013: 332-358.

SCHILLING, Flávia. **Memória da Resistência ou a resistência como construção da memória.** In: Padrós, E.S.; Barbosa, V.; Lopez, V.A.; Fernandes, A.S.. (Org.). *A Ditadura de Segurança Nacional No Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória – Conexão Repressiva e Operação Condor*, vol.3 – SEGUNDA EDIÇÃO. 2ed.Porto: Corag; Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul; UFRGS; Escola do Legislativo, 2010, v. 3, p. 141-154.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987a

ANEXO A – Seu Jorge e o Assentamento Redenção



Imagem 1. Jorge Souza



Imagem 2. Casa dos antigos donos do Engenho Cantinhos, agora sede da Associação das Famílias Rurais do Projeto Redenção.



Imagem 3. À esquerda, casas mais antigas do Assentamento. Visão da sede do Assentamento Redenção.



Imagem 4. Ruínas do Engenho Cantinhos.



Imagem 5. Ruínas do Engenho Mercês, como o fim da Usina une-se com Cantinhos e formam o Assentamento Redenção.



Imagem 6. Boeiro do Engenho Mercês

ANEXO B – A USINA

Imagem 1. Usina Santa Maria. (in: <http://alagoinhaemfoco.blogspot.com.br/2016/04/anos-80-usina-santa-maria-em-areia-pb.html>)



Imagem 2. Boeira da Usina.



Imagem 3. Ruínas da Usina Santa Maria.



Imagem 4. Ruínas da Usina Santa Maria.



Imagem 5. Tubulações da Usina Santa Maria, ainda utilizados para a irrigação de banana.



Imagem 6. Galpão de produção da Usina Santa Maria.



Imagem 7. Balança da Usina Santa Maria.



Imagem 8. Pátio da antiga Usina Santa Maria.